



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – CCSA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – DECOM
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE – PB

ANGÉLICA BRITO RODRIGUES

A CONFIABILIDADE ENTRE FONTES E JORNALISTAS NOS JORNAIS
IMPRESSOS PARAIBANOS

CAMPINA GRANDE - PB

2012

ANGÉLICA BRITO RODRIGUES

A CONFIABILIDADE ENTRE FONTES E JORNALISTAS NOS JORNAIS IMPRESSOS
PARAIBANOS

Artigo Científico apresentado ao Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da UEPB, como requisito parcial para obtenção do título de graduada em Comunicação Social pela Universidade Estadual da Paraíba, no fim do ano de 2012.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Águeda Miranda Cabral

CAMPINA GRANDE - PB

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL CIA 01 – UEPB

R696c Rodrigues, Angélica Brito.

A confiabilidade entre fontes e jornalistas nos jornais impressos Paraibanos/
Angélica Brito Rodrigues. – 2012.

21 f.;

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) –
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2012.

“Orientação: Profa. Dra. Agueda Miranda Cabral, Departamento de
Comunicação Social”.

1. jornalismo impresso 2.jornalistas. 3.Fontes. 4.Confiabilidade 5.Apuração I.
Título.

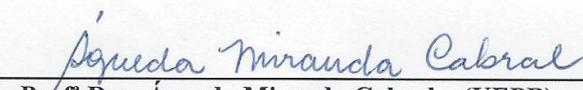
21. ed. CDD 070.1

ANGÉLICA BRITO RODRIGUES

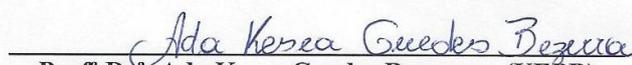
A CONFIABILIDADE ENTRE FONTES E JORNALISTAS NOS JORNAIS
IMPRESSOS PARAIBANOS

Data de aprovação: 14/11/12.

BANCA EXAMINADORA:


Prof^a Dra. Águeda Miranda Cabral – (UEPB)
(Orientadora)


Prof^o Orlando Ângelo da Silva – (UEPB)


Prof^a Dr^a. Ada Kesea Guedes Bezerra – (UEPB)

Campina Grande – PB

2012

A CONFIABILIDADE ENTRE FONTES E JORNALISTAS NOS JORNAIS IMPRESSOS PARAIBANOS

Angélica Brito¹

Águeda Miranda Cabral²

RESUMO:

Esse artigo apresenta um estudo sobre a relação de confiabilidade entre jornalistas do meio impresso paraibano e suas fontes de informação, sejam elas oficiais ou não. A confiança, ou a falta dela é discutida aqui com o respaldo de uma pesquisa teórica e de uma pesquisa de campo em que obtivemos o depoimento de 12 jornalistas que desenham, com suas experiências, a realidade desta convivência, muitas vezes turbulenta e repleta de interesses particulares. Ouvimos também seis fontes oficiais que utilizam a sua autoridade e conhecimento para auxiliar os jornalistas na realização de suas pautas, tornando-as mais completas e ricas. Nossa pesquisa conclui que, apesar das fontes terem um papel importante na atividade jornalística, ainda há alguns pontos na parceria entre jornalista e fontes que devem ser reavaliados, principalmente se considerarmos as novas tecnologias, que permitem um contato mais frequente.

Palavras-chave: Jornalismo impresso. Jornalistas. Fontes. Confiabilidade. Apuração.

1 INTRODUÇÃO

Com a velocidade em que as informações têm sido veiculadas no mundo e a seriedade com que o profissional do jornalismo tem buscado para apurar os fatos, a fonte das informações mostra-se, cada vez mais, como um dos principais elementos no processo de construção das notícias. Sem a presença das fontes, sem sua interferência, seu conhecimento, a investigação torna-se inviável. No momento da rigorosa apuração dos fatos, a confiança creditada entre o profissional e sua fonte, e vice-versa, pode se mostrar firme ou falhar, dependendo da credibilidade da fonte e do jornalista.

¹ Graduanda em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, no Departamento de Comunicação Social da UEPB. angelicabritobr@gmail.com

² Professora do Departamento de Comunicação Social da UEPB (orientadora). Doutora em Comunicação. aguedacabral@gmail.com.

É fato que jornalistas que atuam em todos os meios sentem dificuldades em alguma parte da apuração, e principalmente em convencer a sua fonte a passar a informação abertamente, mas é muito comum no meio impresso, ouvir uma fonte, confessar o medo de sofrer uma distorção em seu depoimento, através de um pedido do tipo: “cuidado com o que você vai escrever, não coloque o que não falei”, ou ainda: “depois que você escrever a matéria, me envia para eu ver se está tudo certo porque o jornalista fulano de tal colocou tudo errado”. Esse tipo de pedido acontece normalmente, quando a informação tem um vasto contexto, muitas ramificações e várias histórias entrelaçadas, o que dificulta a apuração e a consequente divulgação da notícia, resultando em erro, muitas vezes imperceptível para muitos, mas inadmissível para a fonte, que não esperava a divulgação daquela forma.

No jornal, a exemplo de outro meio de comunicação, não é só a fonte que sofre com a insegurança, mas o jornalista também pode passar a não acreditar em uma fonte, principalmente em relação às fontes oficiais, na medida em que estas se negam, por muitas vezes, a contribuir, ou passam informações vagas, incompletas que não enriquecem as matérias.

Uma inimizade ou uma falta de confiabilidade entre um jornalista e sua fonte pode causar sérios danos ao trabalho de apuração sobre um acontecimento, pois é muito mais possível que uma fonte se esforce para prestar a melhor informação ao profissional que lhe passar mais empatia e lhe desperte confiança. Na relação de confiança que se estabelece, o jornalista se sente melhor para formular perguntas mais objetivas e compreensíveis, provocando respostas mais claras e mais profundas da parte do conhecedor do objeto que se busca, que neste caso, é o conjunto de informações que vão dar corpo à notícia clara e objetiva, que se aproxime o máximo possível da verdade dos fatos; que seja rica em detalhes e observações e, sem dúvidas, que se torna mais prazerosa para o leitor, outro beneficiado nesse processo.

O medo de ser personagem de distorções é o que causa a maior insegurança nas fontes, pois acreditam estar se responsabilizando diante do público, por uma informação, que pode ser transmitida erroneamente e se, essa fonte já tiver experimentado a situação de estar ligada a uma informação desproporcional ao relatado por ela, a insegurança será dobrada e dificilmente ela atenderá uma nova solicitação de entrevista da mesma forma.

É essa relação que envolve o dia-a-dia dos jornalistas e suas fontes no meio impresso a razão central de nossa investigação. Os jornalistas necessitam das fontes para construir e divulgar matérias credíveis, e as fontes por sua vez, temem a divulgação das informações sem fidedignidade ao que foi previamente exposto, porém, na maior parte das vezes, por ter o

domínio das informações, e ter consciência disso, ela opta por permitir-se atuar em novas discussões jornalísticas. Essa opção da fonte, de não desprezar as apurações e continuar sua contribuição com o jornalismo, transmitindo informações, foi constatada em uma pesquisa realizada no mês de outubro de 2012, com 6 fontes oficiais de diversas áreas como policial, política, saúde e cidades, como também foram ouvidos 12 jornalistas atuantes nos Jornais impressos da Paraíba, com o objetivo de sondar a realidade desta relação e defini-la neste artigo.

2 A CREDIBILIDADE DA FONTE E DO JORNALISTA INTERFERE NA APURAÇÃO E RESULTADO DA MATÉRIA

Para atender o jornalismo do instante, o jornalista tem exacerbada necessidade de atingir furos para apresentar a melhor e mais rica informação no prazo mínimo. É nesse jogo de apuração e produção, realizadas sempre com a pressa presente nas redações, que o jornalista observa a responsabilidade que tem com a verdade e a ética e para com o leitor. Mesmo dotado de vasta experiência, um jornalista pode sim, construir um texto coerente e lógico, mas não condizente com a realidade.

O compromisso com a verdade é a “razão de ser” do jornalismo, sendo muito mais importante do que vencer a barreira do curto tempo e as informações contradizentes que surgem das fontes em algumas situações, pois, por mais que elas sejam necessárias em uma apuração, nenhum profissional pode assegurar firmemente que a fonte não ocultou outra versão da história, ou cometeu equívocos ao expor seu ponto de vista.

A fonte tem sempre, o direito de falar, mas cabe aos repórteres a obrigação de desconfiar que ela está mentindo ou omitindo, pois o primeiro dever do jornalista é respeitar a verdade, e o direito que o cidadão tem de conhecer a verdade. “Para isso ele apresenta a verdade como uma responsabilidade ética e como uma instância normativa e crítica no seio da atividade jornalística” (CORNU, 1999, p.8).

A relação de apuração versus a investigação é de dependência, como relatou Santana (2011) ao abordar sobre a importância da apuração de informações, onde o ato de apurar, em geral, é impulsionado pela predisposição por investigação. A autora também afirma que investigar se constitui como pressuposto ao jornalismo, e não um critério diferenciado, o que faz entender que a apuração é o caminho que deve ser trilhado pelo jornalista. Para Schmitz (2011, p. 61), no afã de fazer revelações de impacto, “a mídia atropela alguns limites, em nome de um suposto interesse público, que ela mesma estabelece, sobrepõe direitos, imagens

e reputação, sem resguardar a idoneidade das organizações, ainda que a liberdade de imprensa, não autorize tudo”.

Kelly (1966, p. 39) concorda com essa afirmação ao observar a liberdade de opinião e expressão, afirmando que o fundamento da liberdade de imprensa não é privilégio nem impunidade, e que o jornalista responde por seus atos, como qualquer profissional, e exalta a importância do respeito aos cidadãos, quando aborda que o fundamento da liberdade reside no respeito a um direito popular que “se assegura a toda e qualquer pessoa, o direito de ser informada, de conhecer os acontecimentos de seu tempo, de ajuizar-se sobre eles, de constituir opinião, de tornar-se consciente e atuante no meio dos pronunciamentos da comunidade”.

A prática da ética profissional garante a transmissão da segurança ao público, protegendo os jornalistas e o meio de comunicação, das interferências externas, e a legislação procura evitar as condutas desviadas, assim “a ética tem maior alcance que a legislação”, (SCHIMITZ, 2011, p. 54). Deve-se observar que cada fonte está presa a uma série de crenças, princípios e opiniões, o que pode levá-la a focar em determinadas situações dentro de um fato, em detrimento de outras, fazendo com que elas não sejam fidedignas, ou objetivas com o entrevistador, o que em regra não deveria acontecer.

Lage (2008, p. 54), percebeu que, cada indivíduo da cadeia informativa entende a realidade conforme seu próprio contexto e seu próprio estoque de memória e, entender, analisar e, sobretudo, aumentar o grau de cuidados sobre essa possível parcialidade inconsciente ou até consciente da fonte, deve ser uma das buscas do jornalista, para que ele não caia no erro de publicar informações construídas sobre emoções e opiniões pessoais no lugar de fatos reais.

A credibilidade de um profissional diante do público e, principalmente diante das fontes oficiais, pode contribuir para furos futuros e reportagens com informações amplas e firmes, além de receber informações mais objetivas e eficazes, pois a fonte, com o tempo, acaba entendendo quais informações são mais relevantes para o profissional. A credibilidade, geralmente é circundada pela notoriedade e prestígio, e solidifica a relação entre as fontes e os jornalistas, mas como em qualquer área, a credibilidade e a confiança é algo que será conquistado aos poucos como um “capital imprescindível” para a boa atuação do profissional em sua área.

Quanto mais o jornalista se empenhar em alcançar o máximo de fidelidade ao fato, maior será a confiabilidade que circundará a relação entre eles, as fontes e o consumidor final

da informação. Ele conquistará maior confiança por parte das fontes, e do público, o que refletirá positivamente nas próximas apurações, pois do público também saem muitas fontes.

Para que um profissional atender a necessidade do leitor, é necessário que ele entenda os anseios do receptor, que é quem consumirá a informação prestes a ser divulgada. Sobre este fato, Dines (1986) explicou que jornalistas e leitor são os que melhor se entendem e sintonizam, pois se os primeiros são treinados para sentir as necessidades dos últimos, este foi domesticado para receber aquilo que certamente lhe agrada, ele compara relação do jornalista e o público como a relação de “um psicanalista e um paciente, um marido com a sua mulher, o pai com seu filho”, (p.54), completando com a comparação do espelho, onde “um é o espelho do outro, reflexos, continuidades, interações, parte, enfim de um mesmo processo”, (p.54).

Em uma grande aldeia onde todos os acontecimentos ocorrem por meio das diferenças e conflitos, onde os jornalistas não atuarão somente na busca pelas notícias e informações, mas também, como mediador entre os diversos grupos e categorias sociais, até mesmo por ser uma atividade essencialmente intelectual, pressupõe-se que, no exercício dela, uma série de valores morais e éticos sejam exercidos. Travancas (1993, p.102), aborda este tema, definindo a mediação dos jornalistas, afirmando que eles “podem ser vistos como elos entre distintos universos de significação”, e é por este motivo que o profissional não deve tomar partido, ou defender uma única bandeira, já considerando o que Erbolato (1982. p. 66), diz sobre o fato de que “o cidadão tem o direito de participar de todos os processos informativos”.

Por este motivo, o jornalista deve, sempre, ser cauteloso nos métodos de apuração, pois se não ocorrer desta forma (com a participação dos cidadãos de diferentes grupos, e categorias sociais), o jornalista pode transmitir apenas interesses de um único grupo ou dele próprio.

Um princípio geral da conduta humana é buscar a máxima eficiência com o menor custo possível e mentir tem alto custo moral e físico. Essa verdade orienta tanto o jornalista quanto a fonte, que também, deve distinguir entre o falar a verdade e o falar o que se pensa como se fosse a verdade, o mentir e o omitir, o exagerar e o desvalorizar a informação. A liberdade da informação é um direito que deve ser defendido com afinco, mas deve ser uma informação pautada sobre o respeito ao cidadão.

Em seu estudo Erbolato (1982, p. 65) se questionou sobre o limite desta liberdade, indagando “até onde o jornalista, o publicitário e o produtor de programas podem exercer as suas atividades, sem que seja comprometida a segurança do país e a moral dos que irão consumir o seu trabalho?”. A credibilidade jornalística é construída sobre a exploração da

verdade, da crítica e da suspeita de parcialidade por parte do profissional com relação ao que se investiga, sem estar preso a fanatismos partidários e religiosos. Quanto mais respeitada for a fonte, mais crédito a notícia terá, e em casos de relato dos fatos, a notícia será mais credível se for relatada com base na memória de curto prazo pois, apesar de ainda estar confusa com o recente acontecimento, a fonte ainda não terá adaptado a informação ao que melhor lhe convier.

Apesar de toda a liberdade que já foi conquistada pelos meios de comunicação, ainda há instituições que se fidelizaram a um propósito, colocando um grupo de interesses sobre a obrigação de cumprir com a verdade. “Dirigentes ou proprietários dos jornais, com exceções é claro, nem sempre se libertaram da onipotência, seja institucionalizando as “listas negras” (assuntos e pessoas que não podem aparecer no jornal), seja abraçando interesses, sem adotar qualquer isenção diante das causas e pessoas”, (DINES 1986, p. 62). Esse tipo de partidarismo pode e muito prejudicar a imagem da instituição e dos jornalistas que estão ligados a ela, fazendo perecer o que ela e seus profissionais levaram muito tempo para construir: a credibilidade.

3 A IMPORTÂNCIA DAS FONTES E SUA RELAÇÃO COM OS JORNALISTAS

Quase todo o trabalho dos jornalistas é feito sobre a obtenção das informações por parte das fontes e é necessário analisar a relação dos jornalistas com elas. É impossível que os jornalistas, neste mundo cada vez mais complexo, acompanhem a todos os fatos diretamente do local onde estes ocorrem, por isso poucas matérias se originam da observação direta. É neste momento que as fontes interferem na notícia, transmitindo informações que nunca seriam contadas sem a participação e ou depoimento delas.

Nesse contexto, entra um intermediador entre os jornalistas e as fontes, que são os assessores de imprensa, atuando como facilitadores, tanto da imprensa quanto da fonte que, através desse acompanhamento, torna-se mais bem preparada para encarar um grupo de profissionais já habilitados a construir uma notícia de interesse público a partir de dados e informações, às vezes transmitidos imperceptivelmente pela fonte.

Tanto a fonte quanto os jornalistas estão enquadrados na obrigação de agir com ética, usando de informações com transparência em benefício do público, e as fontes devem conhecer a forma correta de andar no campo minado do jornalismo, percebendo a dinâmica desse relacionamento. Há um propósito assumido pelas fontes de “utilizar e, se possível, marcar a agenda dos media, jogar o seu jogo, tirar partido de sua lógica de funcionamento e,

por esta via, atingir objetivos” (p. 282), mas em nenhum momento irão informar algo que as prejudiquem e, por isso que “nenhuma fonte irá tornar público aquilo que se possa vir a se revelar inconveniente aos seus interesses ou imagem”, (PINTO, 2000, p. 289).

A fonte, sendo definida de uma forma mais simples é considerada como um manancial de onde fluem águas, que não secam e, nela está ligada a vida e a fecundidade. Em uma abordagem a essa definição de fontes, Schmitz (2011, p. 8) a define como estando associada à mitologia romana, onde “Fonte, era o deus das nascentes”, ou seja, pode ser definida como nascente de águas ou aquilo que origina ou produz.

As fontes jornalísticas são pessoas que os jornalistas observam ou entrevistam, e estas transmitem informações ou sugerem pautas, o que podem falar por si ou serem representantes de grupos ou de instituições, vestígios, documentos ou dados, que foram previamente construídos, deixados ou preparados para este fim (ser noticiado), e podem ser mais ou menos confiáveis ou simplificando, serem oficiais ou não oficiais. Pinto (2000, p. 278) escreveu que as fontes remetem para posições e relações sociais, para interesses e pontos de vista, para quadros espaço-temporalmente situados.

As fontes podem ser mais ou menos confiáveis, pois confiança é coisa que se conquista. Há uma forte tendência de que as fontes oficiais sejam mais confiáveis, sendo até comum, o não registro dessas fontes na matéria, pois os dados que elas propõem são tomados por verdadeiro (LAGE 2008, p. 63). Ao realizar esta afirmação, Lage explica que, autores de todas as épocas já comprovaram o fato de que as fontes oficiais falseiam a realidade. Fazem isso para preservar interesses estratégicos e políticas duvidosas, para beneficiar grupos dominantes, por corporativismo, militância, em função de lutas internas pelo poder.

Ainda segundo o autor, as fontes oficiais, por vezes, sonegam informações de que realmente dispõem. Alegam dificuldades inexistentes, para desestimular quem procura a informação, em determinados casos os funcionários mentem por preguiça de procurarem os dados estatísticos, desleixo ou vaidade, para se livrar dos repórteres. Eventualmente, prestam-se a veicular boatos, objetivando algum fim: denegrir a imagem de uma pessoa, destruir o ingresso de alguém na política, interferir em uma decisão eleitoral, entre outros objetivos.

A responsabilidade de divulgar o que uma fonte transmite em *off* requer um alto nível de confiabilidade e credibilidade entre as partes. Uma fonte sigilosa revela informações de interesse público, mas também, pode lançar calúnias, boatos e intrigas para medir reações. Por isso, para dar declarações em *off*, é necessário que o informante esteja investido do estatuto da fonte, consciente dos direitos que lhe assistem. Entre o jornalista e a fonte se estabelece uma relação de confiança, que pode incluir o compromisso do silêncio quanto à origem da

informação. Pelo sigilo e assegurado na legislação de países democráticos, o repórter não é obrigado a revelar a sua fonte¹.

As fontes podem mentir, mas é de se esperar que não mintam, então, se levantam dois pontos: o primeiro é que os homens consideram crucial serem aceitos socialmente e, por isso desenvolvem atitudes cooperativas, e por outro lado, consideram o “alto custo físico e moral” gerado ao se transmitir uma mentira.

Ainda segundo Lage (2008), o resultado de uma consulta à fonte depende, basicamente, da intenção que essa fonte atribui ao repórter: se elas acharem que o repórter é uma ameaça, serão parcimoniosas nas respostas, e esses casos ocorrem com mais frequência entre os ricos e os que têm algo a esconder; se veem na conversa uma oportunidade de defender seus direitos, enfatizarão reivindicações e reclamações, como ocorre muito entre os pobres; se temem que o repórter não compreenda algo, o que acontece com mais frequência entre os especialistas, cientistas e pesquisadores de ciências exatas, serão redundantes na explicação.

Muitos fatos divulgados pela mídia são transmitidos a partir das fontes oficiais, que são os porta-vozes de grandes empresas, políticos, religiosos, empresários, delegados e comandantes dos batalhões, um especialista, médico ou técnico do time, entre muitos outros. Outros fatos são transmitidos por fontes secundárias (não oficiais), como é o caso de uma pessoa anônima, ONGs e sindicatos.

Depois da apuração, mesmo a fonte tendo demonstrado segurança e credibilidade para o jornalista, é necessário uma investigação mais profunda utilizando a versão de outras fontes para que os depoimentos sejam confrontados e se chegue ao relato mais próximo da realidade. É preciso considerar o fato de que as fontes sempre transmitirão o lado da informação que mais estiver de acordo com a sua formação, princípios e opiniões, e o profissional da área não pode permitir que a notícia seja transmitida com apenas uma versão do fato, mas com informações livres de qualquer parcialidade e de tudo fiel, como Kelly registrou (1966, p. 40), afirmando que a imprensa é a máquina de informação, que tem o dever de formar na mente do cidadão uma imagem que seja pelo menos parecida com a realidade.

As fontes são selecionadas pela conveniência, confiabilidade e produtividade, quando elas mantêm uma relação estável, sendo acessíveis e articuladas, mas não apenas por isso, os jornalistas as selecionam também, pelos critérios de respeitabilidade, notoriedade e

¹ O artigo 5º do Capítulo II - Da conduta profissional do jornalista. Art. 5º É direito do jornalista resguardar o sigilo das fontes.

credibilidade, pois uma fonte fidedigna, embora não atenda a todas as expectativas dos profissionais, apresentam uma proximidade ao fato.

Em alguns casos, a relação entre fontes e jornalistas sai estremecida. Isso ocorre quando estas fontes percebem que a informação ou opinião transmitida, não foi veiculada fielmente, ou a informação está introduzida com outro foco, ou incluída em um contexto divergente do que foi debatido durante a entrevista. Esse tipo de reclamação surge mais frequentemente dos especialistas, que apontam com decepção já ter concedido entrevistas relacionadas a projetos de pesquisa, descobertas, avanços tecnológicos e, ao ‘apreciar’ a notícia, perceberam que ela foi escrita de forma equivocada, quanto ao processo ou realidade. O caso é comum entre este tipo de fonte, e o resultado, é a frustração de terem assinado uma matéria veiculada desta forma.

É possível afirmar que por vezes, ao contrário de serem pautadas, as fontes é que pautam e em muitos casos, criam o evento (fato, pseudoevento) e o conduzem ao conhecimento da mídia, chegando a medir forças com a imprensa, mas tal prática tem como intento estabelecer uma conexão estruturada para agendar os meios de se comunicar com seu público prioritário e a sociedade em geral. Elas se tornaram grandes produtoras de notícias, onde o grande número de informações enviadas às redações causa nos jornalistas um tipo de ‘enclausuramento’, quando o repórter se transforma em editor das notícias produzidas pelas fontes (SCHMITZ 2011, p. 11) e esse raciocínio firma o que Melo (2012, p. 4), diz em seu artigo quando percebe que “busca-se atrair o jornalista oferecendo justamente o que eles procuram”, ou seja, o fato e a informação pronta para o uso.

4 O QUE PENSAM AS FONTES

A maior parte das fontes procura manter uma relação de confiança e proximidade com os profissionais do jornalismo, embora em alguns momentos se sintam inseguras quanto a forma de abordagem, insistência do repórter, a forma como ele publica as notícias que envolvem assuntos científicos ou a tendenciosidade com que alguns tratam a apuração e a publicação das matérias. Algumas fontes mencionaram apenas o desconforto de prestar uma declaração ou esclarecimento pelo telefone, pois o risco de ruído é maior e muitos se negam a conceder entrevista desta forma.

Nossa pesquisa de campo foi realizada no mês de outubro de 2012, com seis fontes oficiais para compor este artigo. Foi formado um quadro, descrito pela ótica das fontes, e que

apresenta bem essa relação de proximidade, contribuição e conflito. Cada fonte exposta neste ponto do artigo será identificada por um número.

A Fonte 1 nos possibilitou perceber que o sentimento negativo das fontes a respeito dos jornalistas, está ligado à tendenciosidade que alguns profissionais utilizam para encarar algumas discussões. É como se uma fonte concedesse uma entrevista tratando de projetos, propostas, obras realizadas e opiniões a respeito de diversos departamentos que envolvam interesses da sociedade, mas no dia seguinte contempla uma manchete em que se destaca uma frase proferida em outro contexto, às vezes, alheias ao contexto ao qual está introduzida, possivelmente com a intenção de inflamar as relações do político com outros políticos ou com os eleitores, podendo causar um problema na sua vida pública.

A Fonte 1 é um político paraibano, que atua na área pública há quase 30 anos, e atualmente interage pelas redes sociais, ou quando participa de eventos políticos, mas não sabe a quantidade de entrevistas que concede por mês. A Fonte1 relatou já ter vivido experiências desagradáveis na relação com os jornalistas:

Eu tenho um bom relacionamento com o público e com os jornalistas, principalmente utilizando redes sociais. Apenas algumas exceções de profissionais, não veicularam a mensagem conforme foi dita. Às vezes a manchete é colocada sobre algo falado subliminarmente. Existem jornalistas muito tendenciosos, o que não deveria acontecer. Eu me decepcionei e disse claramente que não daria mais entrevista a esse jornalista, mas depois acabei concedendo entrevista novamente. No nosso meio, vemos vários casos de confusão e distorção (FONTE 1, 2012, informação verbal).

A Fonte 2, é delegado e interage com os jornalistas, em ocorrências policiais de maiores repercussão (homicídios, prisões, assaltos) prestando esclarecimentos ou posicionamento e concede entrevistas até 4 vezes por semana. Ele confirma que alguns jornalistas se tornaram seus amigos e contribuem para a divulgação das suas ações, mas o que incomoda é a insistência dos profissionais quando buscam a informação, não respeitando a impossibilidade de a fonte dá-la naquele momento.

Em acidentes fatais, eu preciso controlar a ação dos jornalistas para evitar que eles fiquem fotografando e até tumultuando a cena do desastre, e quando eu estou na delegacia ouvindo testemunhas, eles ficam ligando insistentemente para pegar as informações que eu só posso passar no final, ou em uma coletiva, explicou. (FONTE 2, 2012, informação verbal).

A Fonte 3 é meteorologista e afirma que só é procurada nos períodos de chuva, seca ou períodos com temperaturas alarmantes e não sabe quantas vezes concede entrevista por semana ou mês, mas garante que transmite as informações para todos os meios de comunicação com a mesma fidelidade. “Temos uma relação excelente e eu não tenho medo de distorções, pois o que eu falo, os jornalistas transmitem. Algumas vezes tenho que dar

entrevistas por telefone, mas mesmo assim dá certo, é só ter um pouco de paciência”, comentou. (FONTE 3, 2012, informação verbal).

A Fonte 4, atua na área de saúde pública, e afirma que chega a conceder entrevistas o dia todo, quando ocorrências na área da saúde chamam a atenção da mídia, seja escândalo na área ou comunicado simples. “Transmito as informações de forma igual e não tenho preferências. Quando eu atuava em outras áreas da saúde, eu já enviava informações de forma igual para todos os meios de comunicação”, garante. (FONTE 4, 2012, informação verbal).

A Fonte 5 atua na área ambiental, se pronunciando sempre que surge um acontecimento ligado ao Meio Ambiente, poluição, desmatamento, queimadas e fiscalização. Ele chega a conceder 3 entrevistas a cada 15 dias. “Sempre que ocorre algo nocivo ao meio ambiente, eu faço questão de que a mídia divulgue o crime. Não nego informações, muito pelo contrário procuro atender e esclarecer a todas as questões”, disse. (FONTE 5, 2012, informação verbal).

A Fonte 6 atua na área do trânsito e interage com a imprensa, sempre que alguma operação ou ocorrência na área, atinge o interesse público. Ele concede entrevistas até 5 vezes por semana. “Nunca perdi a confiança em nenhum jornalista, da minha parte a relação é excelente, porque nunca foi dado motivo para a quebra do elo de confiança”, assegurou. (Fonte 6, 2012, informação verbal).

Dos seis entrevistados, apenas um assumiu ter vivido desentendimento com um jornalista, os outros destacaram apenas momentos de desconforto, por ter que dar a informação por telefone, ou pela insistência dos repórteres.

Todas as fontes entrevistadas têm relação com jornalistas pela frequência com que são entrevistadas, mas apenas interagem quando acontecimentos chamam à atenção para a área que eles atuam.

Todos os entrevistados acreditam ser credíveis, pois falam o que é de seu conhecimento, sobre sua atividade e não se negam a transmitir dados de interesse público.

Chamamos a atenção para o fato de que três dos entrevistados (as Fontes 1, 2 e 4) definem a relação que eles têm com os jornalistas, como boa e três entrevistados (as fontes 3, 5 e 6) definem a relação como excelente, pois todos se esforçam para ser úteis e atender da melhor maneira.

4. Papel do jornalista na relação com a fonte e com a sociedade

O jornalista precisa construir notícias muitas vezes sobre assuntos que ele não entende e não presencia, e na maioria das vezes, realiza a apuração dos fatos diretamente das redações,

através de ligações telefônicas, apoiando-se nas falas das fontes e, em alguns casos nas imagens fotográficas, se diferenciando da atitude de profissionais de meios como rádio, que precisam da gravação com a fala das fontes para transmitir aos ouvintes, e os repórteres da TV, que utilizam as imagens para assegurar suas afirmações.

É comum, o jornalista se deparar com resistência das fontes, pois algumas apenas concedem entrevistas pessoalmente e, na maioria das vezes o jornalista não pode se deslocar até onde a fonte se encontra, devido ao volume de compromissos que tem, deixando os compromissos apenas em casos mais urgentes e extremamente necessários, para ir até a fonte e não perder a oportunidade de enriquecer aquela matéria que promete tanta repercussão, com depoimento e fotos. Recentemente, enquanto estagiária de um jornal, me deparei com essa resistência. Duas fontes que eu necessitava contatar (no mesmo dia e em áreas geográfica distintas) resolveram não prestar declarações, se eu não fosse pessoalmente, por temerem distorções. Acabei deixando de falar com as duas fontes e recorrendo a outros meios, inclusive as assessorias de imprensa das instituições, para completar as matérias. As fontes reconhecem, em sua maioria, a autoridade que elas têm e, acreditamos que em seu íntimo elas acreditam que se realmente for importante e o repórter for responsável, ele irá, pessoalmente, até o entrevistado.

Os jornalistas se valem do conhecimento das fontes no processo noticioso para mediar a realidade, pois sem elas não há notícias, mas manuais de jornalismo orientam os profissionais a olharem as fontes com desconfiança. “O grau de confiança não está atrelado à verdade ou à mentira. A fonte coopera com a mídia para ser aceita socialmente e, o jornalista é cético por natureza e técnica”, afirmou Schmitz (2011, p. 32). Deve-se, sempre analisar se o assunto e a fonte condizem, pois a confiabilidade não pode ser medida apenas pelo tipo de fonte, mas pelo cruzamento dela com o assunto, pois para eles o imprescindível é que a fonte tenha conhecimento do assunto, clareza, objetividade e disponibilidade de dados e, se não for assim, a entrevista não renderá.

Eles não devem temer nem desprezar o interesse privado, pois são tão legítimos, quanto os interesses dele, mas deve se conduzir com prudência, pois tem um grande público que o observa de forma crítica, e a quem ele presta contas (a empresa, a qual está ligado, às fontes consultadas, à sociedade em geral, as convicções pessoais e às normas deontológicas). Em alguns casos os jornalistas se sentem sufocados, com o excesso de regras e manuais envolvendo o seu trabalho, além das regras que surgem do próprio meio onde trabalham.

Fingerman (1987, p.194) aborda esse assunto afirmando que o conflito do poder, de um modo geral, dificulta a ação do jornalista em todo o mundo e dificultou durante toda a

história do jornalismo. A autora também afirma que o Estado² (que na ditadura militar ameaçava o jornalista de prisão e exílio) não é mais o inimigo do profissional e sim o próprio meio de comunicação.

As fontes oficiais são as preferidas dos jornalistas, por inspirarem confiança, efetuarem ações estratégicas e disporem de grande influência, o que, pode surpreender o processo de apuração com suas reações. Várias questões éticas envolvem a relação dos jornalistas com as fontes, e se se tratar de uma fonte sigilosa, o jornalista tem o direito de resguardar o sigilo da fonte, mas nesses casos, ele é quem responde civil e criminalmente, pelo que foi revelado pela fonte, que nesta ocasião, tanto pode declarar uma informação de interesse público, quanto lançar calúnias. Lage (2008) defende que os profissionais devem separar o que é fato, o que é versão e o que é interpretação, pois por mais honesta que a fonte seja, sempre haverá diferenças cruciais nos relatos de conflitos, e a indicação é variar e ouvir mais de um especialista.

Erbolato (1982, p. 68) explica que, se os comunicadores não se guiarem pela honestidade e bom senso, podem impor desejos, falsear a realidade, e ocasionar danos. É pela falta de bom senso de alguns profissionais que, para alguns cidadãos, o jornalista chega a ser visto como alguém que deturpa declarações e fatos, pinça frases fora do contexto e utiliza frases no futuro do pretérito para indicar incertezas e se proteger.

Para não ser vítima da busca desesperada pelo ‘furo’, o jornalista precisa aprofundar e amadurecer a sua visão de investigador, a fim de evitar a situação de engano. “Os jornalistas podem apurar, entender ou interpretar errado os fatos e construir uma notícia de forma coerente (em termos de narrativa, lógica sequencial e adequação ao veículo), mas equivocada, quando a notícia não corresponde aos fatos (CABRAL e SANTANA, 2011, p. 11).

Caldas (2004, p. 32) considera que “os múltiplos canais de acesso à informação e suas diferentes fontes, permitem à sociedade moderna, desde que aprenda a utilizar criticamente o conhecimento, não mais ficar imobilizada perante o desconhecido”. Neste sentido, Chaparro (2007, p. 103) completa afirmando que, sempre que um editor ou repórter, por incompetência, arrogância, interesse pessoal, ambição de poder, irresponsabilidade profissional, subalternidade a quem o controla ou qualquer outro motivo, priva o leitor da notícia correta e plena, trai o principal e mais belo dos compromissos que tem com a construção e o

² A Ditadura Militar ocorreu entre as décadas de 60 e 80 e foi o período de maior repressão e censura aos meios de comunicação.

aperfeiçoamento de uma sociedade livre: assegurar a todo o indivíduo o direito de ser (bem) informado.

Magalhães (1979, p. 18) aborda a importância do jornalista, como alguém além de um simples funcionário de uma empresa de comunicação: “Já não é uma mera peça da engrenagem jornalística, montada para a produção de notícias. A sua participação é ampla e começa no momento em que recebe as indicações para cobertura diária, feitas através da pauta de uma editoria”. O repórter se vê em uma situação, em que além das normas particulares do jornal, ele deve manter uma atitude de respeito aos preceitos da ética, entre eles, o que recomenda a luta permanente pela liberdade de pensamento e expressão e pelo livre exercício da profissão, mas sempre observando a importância daquilo que veicula, pois atualmente a mídia passa a ter um alcance diante dos cidadãos que vai além da capacidade de indução da escola.

O que importa no jornalista não é a facilidade de fazer contatos no sentido formal ou social, mas a abertura pessoal ou intelectual para temas e pessoas (DINES 1986, p. 62). Segundo Alberto Dines, até na própria empresa de comunicação os jornalistas são considerados como privilegiados. Venerados por aqueles que buscam o poder, abominados pelos que já o alcançaram, e vistos mitologicamente pelo público.

5 O QUE PENSAM OS JORNALISTAS

A pesquisa de campo com os jornalistas foi realizada no mês de outubro de 2012. Ouvimos 12 jornalistas que atuam em três jornais impressos na Paraíba: o Jornal da Paraíba (7 profissionais), Jornal Correio da Paraíba (2 profissionais) e Jornal ‘A União’ (2 profissionais). O objetivo da pesquisa era saber a visão dos jornalistas com relação à confiança que eles depositavam nas fontes, se já foram alvos de informações equivocadas, com quantas fontes tiveram conflitos, e se acreditam ter crédito diante delas. Embora muitos jornais e jornalistas precisem enfrentar processos judiciais devido à veiculação de informações equivocadas ou, informações que causaram descontentamento em alguma parte envolvida, todos os jornalistas entrevistados nesse trabalho se definiram como honestos com o direito que o receptor tem, de obter nada além da verdade.

Entre os 12 profissionais entrevistados, apenas dois informaram ter enfrentado conflito com uma das fontes (repórteres 7 e 8), mas seis deles (repórteres 1, 2, 4, 6, 7 e 8) admitiram ter perdido a confiança em alguma fonte, ou seja 50% dos jornalistas se decepcionaram com uma das fontes em alguma situação. “Perdi a confiança porque a fonte me informou que o

líder de uma quadrilha de assaltantes que atuava no Sul do País era Paraibano. Depois que a notícia já estava publicada em manchete, ele pediu desculpas e admitiu ter transmitido a informação precipitadamente. Ele percebeu que ninguém da quadrilha era da Paraíba e disse que pensou isso porque a pessoa tinha características físicas de um paraibano”, disse (REPÓRTER 1, 2012, informação verbal).

Apesar do esforço deles para construir uma relação de confiança e credibilidade com a fonte, apenas três dos entrevistados (Repórteres 2, 10 e 12) se arriscaram a definir sua relação com as fontes como muito boa e ótima. “Com a maior parte deles, o relacionamento é muito bom. Acho que a camaradagem é fundamental neste tipo de relacionamento. Assim todos ganham” (REPÓRTER 2, 2012, informação verbal).

Dois dos entrevistados (Repórteres 4 e 9), afirmam não saber se as fontes depositam confiança neles, mas todos os outros 10 repórteres acreditam ter credibilidade diante das fontes. “Já ouvi de algumas fontes declarações de que só passaram determinadas informações para mim porque sabiam que eu não iria distorcer” (REPÓRTER 3, 2012, informação escrita).

Todos os entrevistados colocaram a fonte como a principal forma de apurar a matéria, e informaram buscar informações diretamente nas fontes, em 100% das pautas. “Todos os dias, e várias vezes por dia. É difícil contabilizar. Às vezes incluímos três fontes numa mesma matéria” (REPÓRTER 4, 2012, informação verbal).

Três, dos entrevistados (repórteres 3, 7 e 8) afirmam confiar igualmente tanto em fontes oficiais, quanto em fontes não oficiais, pois todas devem ser investigadas. Os outros nove entrevistados, afirmam confiar mais nas fontes oficiais. “Eu vou para as fontes oficiais, porque eu preciso falar diretamente com os dirigentes do clube, pois são eles que sabem das decisões” (REPÓRTER 5, 2012, informação verbal).

Todos os entrevistados admitiram que a proximidade com a fonte já contribuiu para matérias de maior qualidade. “Confiar nas fontes, reflete diretamente na construção do texto. Se não houver confiança, o texto corre sério risco de sair deturpado” (REPÓRTER 7, 2012, informação verbal). “É muito difícil para um jornalista, construir uma matéria, quando a fonte não quer contribuir por simples capricho” (REPÓRTER 8, 2012, informação verbal).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo nos propomos a pesquisar o nível de confiabilidade existente entre as fontes de informação e os jornalistas que atuam em jornais impressos paraibanos, e comprovamos que apesar da fonte ser o alicerce da notícia, tornando impossível a construção

da notícia sem a sua contribuição, seja informando, emitindo um posicionamento, ou criando a pauta, nem sempre a fonte consegue obter a confiança dos jornalistas, o que pode ocorrer por um despreparo no ‘lidar com a mídia’, ou divergências de interesses, mas a questão é que essa falha na confiabilidade pode refletir no resultado da matéria, quando o profissional transmite para o leitor o sentimento de incredibilidade, sentido por ele.

De início havia uma suspeita de que o nível de confiança entre eles deixava a desejar, e após todas as entrevistas realizadas no mês de outubro de 2012, percebemos que, alguns desencontros de interesse danificaram essa relação, mas em geral, continua sendo a base de toda a apuração jornalística. De um lado, o jornalista busca informações que repercutam, e do outro lado, está a fonte buscando atenção das autoridades, da mídia, dos consumidores, ou buscando mais credibilidade diante da sociedade, e assim, tanto jornalista quanto a fonte tentam conduzir a informação para o ponto que apresente, sob o ponto de vista particular, mais benefícios. Embora os interesses sejam legítimos, a honestidade e o direito da sociedade de ter acesso à informações fidedignas devem estar acima de qualquer interesse, seja da fonte, do veículo de comunicação ou do jornalista.

Expomos a responsabilidade do jornalista com a verdade, à fonte e a sociedade, fazendo aflorar os conflitos que interessam a construção da democracia, lembrando que a liberdade não é só do jornalista e sim, direito de todos os homens. Ouvimos 12 profissionais que atuam em diversas editorias e de três jornais paraibanos para traçar um perfil do nível de confiança e conflitos existente nessa relação, e constatamos que os jornalistas confiam nas fontes apenas até onde elas podem ser responsabilizadas pelo que dizem e, metade dos entrevistados relatou já ter perdido a confiança, o que dificultou apurações de pautas posteriores.

Abordamos, também, o papel e a responsabilidade das fontes de informação com a mídia, o jornalista e a sociedade. Se elas estiverem preparadas, poderão aproveitar melhor a oportunidade de ter em mãos, a informação, que os jornalistas procuram, e irão divulgar as informações com o máximo de clareza e objetividade para que se evite o ruído e haja distorções, podendo até criar meios de exposição na mídia. Para fazer um perfil da confiabilidade, sob a ótica das fontes, ouvimos seis fontes oficiais, onde todas elas acreditam ser confiáveis e prontas para atender a mídia. Apenas uma das fontes, revelou ter problemas com determinados profissionais do jornalismo e outra fonte revelou ser desagradável, a insistência de alguns profissionais e a forma de abordagem deles em várias situações que podem gerar sensacionalismo.

Troca de informações, conflitos, interesses, busca por exposição e confiança, são objetos que circundam a vida jornalística e da fonte, podendo abrir um leque de outras ‘pautas’ para pesquisa nessa área de relação de confiança, onde uma nova possibilidade de pesquisa seria essa relação intermediada pelas declarações realizadas pelas fontes via sites e redes sociais.

REFERÊNCIAS

CABRAL, Águeda Miranda; SANTANA, Adriana. O processo de construção da verdade no jornalismo: conceito, busca e método de apuração. **VIII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. Universidade Federal do Maranhão: São Luís, 2010.

CALDAS, Graça. Comunicação Pública e Ciência Cidadã. In: Costa, Maria J. (Org.). **Comunicação Pública**. Campinas-SP: Alínea, 2004.

CHAPARRO, Manoel C. **Pragmática do jornalismo**: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística. 3.ed. São Paulo: Summus, 2007.

CORNU, Daniel. **Jornalismo e verdade**. Instituto Piaget: Lisboa, 1999.

DINES, Alberto. *O papel do jornal*: uma releitura. 5.ed. ampliada e atualizada com um apêndice sobre a questão do diploma. São Paulo: Summus, 1986.

DUARTE, Jorge. **Assessoria de Imprensa e Relacionamento com a mídia; Teoria e Técnica**. São Paulo: Atlas, 2008.

ERBOLATO, Mario L. **Técnicas de Codificação em Jornalismo**: Redação, Captação e Edição no jornal diário. 5.ed. São Paulo: Ática, 2002.

ERBOLATO, Mário. **Deontologia da Comunicação Social**. Petrópolis: Vozes, 1982.

FINGUERMAN, Ariel. Reportagem: desafio à mediocridade. In: MEDINA, Cremilda. (Org.). **O Jornalismo na Nova República**. São Paulo: Summus, 1987.

JOBIM, Danton. A liberdade de imprensa no Brasil. In: MELO, José M. (Org.). **Censura e Liberdade de Imprensa**. São Paulo: Com-Arte, 1984.

KELLY, Celso. **As novas dimensões do jornalismo**: temas atuais. Rio de Janeiro: Agir, 1966.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 7.ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

MAGALHÃES, Manoel V. **Produção e Difusão da Notícia**. São Paulo: Atlas, 1979.

MELO, Rostand. Cobertura de protestos urbanos no JPB1ª edição: o caráter contextual dos critérios de noticiabilidade na construção de enquadramentos jornalísticos. **XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Intercom. Fortaleza-CE.2012.

PINTO, Manuel. Fontes Jornalísticas: Contributos para o mapeamento do campo. In: Comunicação e Sociedade 2. **Cadernos do Noroeste**. Serie Comunicação. Vol. 14 (277-294), 2000.

SANTANA, Adriana Maria de Andrade. **Jornalismo possível, cordialidade e investigação: a prática jornalística no contexto contemporâneo**. Livro Rápido. Olinda – PE, 2011.

SCHMITZ, Aldo. **Fontes de Notícias: Ações estratégicas das fontes no jornalismo**. Florianópolis-CS: Combook, 2011.

TRAVANCAS, Isabel. **Etnografia da Produção Jornalística: estudos de caso da imprensa brasileira**. ECO/Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2010.